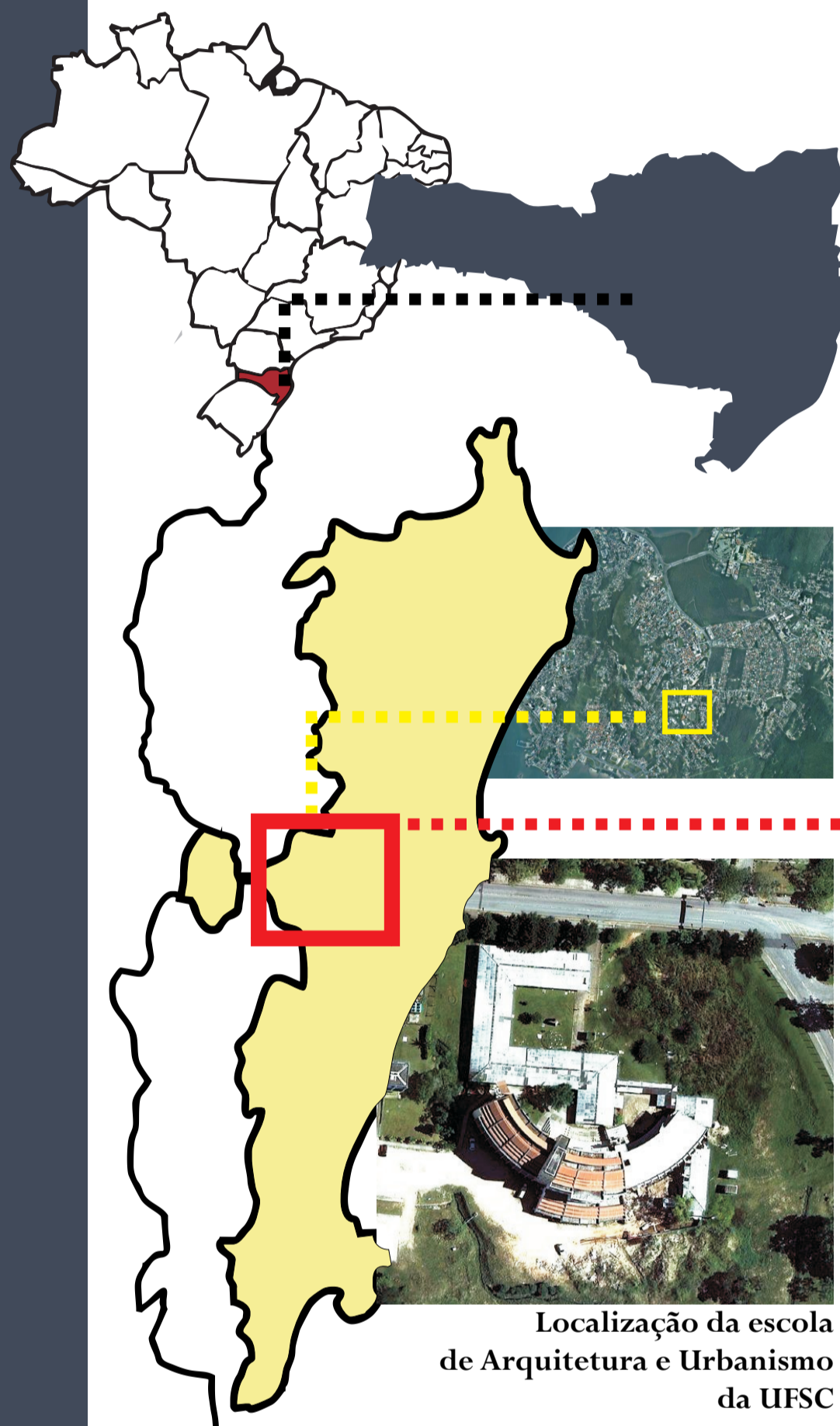


# 2. O PRÉDIO ATUAL



Localização da escola de Arquitetura e Urbanismo da UFSC

No desafio de inserir o canteiro experimental na escola de arquitetura da UFSC, deparamo-nos com a necessidade de repensar a escola no seu todo. O canteiro experimental não poderia ser somente mais uma estrutura, um anexo aonde se desenvolveriam algumas atividades complementares aos interessados. Ao mesmo tempo, repensar a escola não poderia ser somente adequar a sua estrutura aos ditames que fora dela se perpetuam.

A inserção dos canteiros experimentais nas escolas de arquitetura no Brasil, e poderíamos dizer no mundo, é um fenômeno relativamente recente, onde foi ou tem sido implementado sofre de diversas dificuldades ligadas à inércia e resistência a abandonar uma forma de ensino de arquitetura cristalizado – que por sua vez é ligada a concepção de arquitetura vigente – e que em muitos casos está longe da própria concepção de *estúdio*, que prevê uma grande ênfase no trabalho de ateliê. Para ter uma ideia, em levantamento feito por Reginaldo Ronconi na sua tese *Inserção do Canteiro Experimental nas faculdades de Arquitetura e Urbanismo*, de 2002, das 132 faculdades de então, 11 declararam possuir canteiro experimental. Mais recentemente, em 2009, Fernando Minto, afirmou que o quadro

não diferia muito em relação ao levantamento citado.

Mas é necessário pensar a tríade: pedagogia, arquitetura e arquitetura das escolas. Não se trata de abordar qual vem primeiro, mas de fazer um esforço em pensar e propor a questão na totalidade. **O canteiro experimental deve ser articulado ao todo da escola, mas para isso, o todo também deve ser articulado.**

A proposta de redesenho e inserção do canteiro vem acompanhada necessariamente da crítica à escola atual. E não poderia ser diferente. A realidade que nos está colocada não é aquela da Bauhaus ou da FAUUSP onde a pedagogia emergia junto a um novo projeto arquitetônico de escola. **Aqui, a nova escola só poderá surgir a partir da velha, com toda a carga político-pedagógica e espacial que lhe é implícita atualmente.** Ao longo do percurso, será necessário fazer uma triagem, separar aquilo que pode ser útil para o novo, daquilo que deve ser modificado ou descartado. É preciso também dizer que aqui consideramos o projeto construído, as três etapas que formam a atual meia lua que, por sua vez, já é também bastante diferente da proposta que venceu o concurso.

**A PROPOSTA DE REDESENHO E INSERÇÃO DO CANTEIRO VEM ACOMPANHADA NECESSARIAMENTE DA CRÍTICA À ESCOLA ATUAL. E NÃO PODERIA SER DIFERENTE. A REALIDADE QUE NOS ESTÁ COLOCADA NÃO É AQUELA DA BAUHAUS OU DA FAUUSP ONDE A PEDAGOGIA EMERGIA JUNTO A UM NOVO PROJETO ARQUITETÔNICO DE ESCOLA. AQUI, A NOVA ESCOLA SÓ PODERÁ SURTIR A PARTIR DA VELHA, COM TODA A CARGA POLÍTICO-PEDAGÓGICA E ESPACIAL QUE LHE É IMPLÍCITA ATUALMENTE.**



ArqUFSC 2012, prédio construído; Foto: acervo pessoal.

Nesse momento vivido em nosso país, nossa escola, vinha também de um processo polêmico sobre a reforma curricular e o projeto político-pedagógico. Diante de antagonismos e polarizações, o projeto de arquitetura da escola parece querer reafirmar a ordem e o controle. O memorial descritivo do projeto nos dá algumas sinalizações disso ao afirmar que “primeiramente definiu-se um eixo principal norte-sul a partir do qual organiza o projeto simetricamente” e que “a forma circular foi concebida visando o conceito de conter o próprio espaço, demarcar seu território ao mesmo tempo que abre suas portas”.

A condição de formar espaços internos é desejável para uma escola que visa desenvolver determinadas atividades específicas. Contudo, isso não pode se dar em detrimento da relação com a cidade, com o campus universitário que, mesmo sendo buscado no projeto inicial, acabou formando posteriormente uma situação de isolamento, criando uma noção de fundos para áreas verdes e cursos d’água com grande potencial de valorização.



Relação de fundos com áreas verdes e cursos d’água. Foto: acervo pessoal.

Quanto à simetria, pode-se dizer também que é uma opção projetual questionável. Ela enquanto expressão estética do “equilíbrio estático” remete a tempos anteriores ao movimento moderno:

“O mundo que a arquitetura faz seu não é imóvel, natureza solene, mas o mundo vivo e móvel da sociedade. Nessa realidade, infinitamente mais ampla, da natureza sensível, já não tem valor o ‘senso de gravidade típico e determinante da antiga forma arquitetônica’ (...). Já não tem sentido a simetria das partes, sua obrigatória orientação sobre o central; a nova ideia de espaço se exprime num ‘equilíbrio assimétrico e rítmico’; ‘o novo espírito arquitetônico tem como bandeira a superação da inércia e a composição das antíteses’” (ARGAN, 2005)

Este último preconizava um “equilíbrio dinâmico”, o jogo de proporções e o princípio de movimento.

É notável também que essa opção pela simetria, associada a outros fatores como a elevação do piso de entrada ao nível 1,7 m e a noção de fechamento pelo bloco monolítico circular, levou a um relativo monumentalismo desta arquitetura. Nesse sentido, é importante ter-se em conta que a arquitetura possui também uma dimensão simbólica, que pode contribuir ou não para a manutenção do *status quo* da sociedade atual. Para Arantes:

“as relações de poder se cristalizam na própria obra e não se dão apenas em um campo de forças que lhe é exterior” (ARANTES, 2010)

Assim, o monumentalismo da escola atual pode transparecer esse elitismo do ensino superior, como se o conhecimento para se adquirir o título de arquiteto fosse tão intangível quanto a própria arquitetura.

Acontece que a realidade demonstrou não ser linear e, após três etapas do prédio construídas, o que temos visto é uma fragmentação dos espaços que, por sua vez, tem relação direta com a fragmentação do próprio conhecimento.

Temos uma situação onde boa parte dos ateliês inicialmente propostos se tornaram salas de aulas convencionais. Os ateliês que, por sua vez, poderiam gerar um momento integrado do conjunto das atividades da escola, ficaram relegados ao 3º pavimento, longe das atividades laboratoriais, de maquetaria e inclusive dos espaços de integração, o atual popular “Pavilhão” (que não estava pensado como espaço possível para o atual projeto, também porque ainda não existia em 1998, sendo consequência do incêndio de 2005). As salas de aula tradicionais, por outro lado, ganham o 1º e o 2º pavimento, exatamente aqueles de melhor e mais fácil acesso, próximo dos espaços de integração da escola.



Outra análise possível de se fazer é em relação à estrutura, que no projeto executado aparece parcialmente encoberta. Os panos de alvenaria que marcam o ritmo da fachada norte e que não eram previstos no projeto original acabam por encobrir um ponto interessante no projeto, que é o balanço de 2,5m que acompanha toda a circulação nos dois braços leste-oeste. Acontece que tais panos não só encobrem a estrutura como dão a impressão de serem estruturais, devido ao revestimento homogêneo dado a todo o prédio<sup>38</sup>. O encobrimento da estrutura também é um fenômeno estético que passou a predominar na arquitetura contemporânea em contraposição ao movimento moderno que buscava a “verdade dos materiais”.



Fotos dos panos de alvenaria sendo construídos depois da estrutura acabada. Crédito das fotos: Marcelo Cabral Vaz